



O Esquecimento do dizer: efeitos sobre a leitura

Forgetting to Say: Effects on Reading

Nina Virginia de Araújo Leite¹
nleite@iel.unicamp.br

Resumo: O artigo visa levantar uma discussão importante quanto ao modo de leitura que os psicanalistas colocam em operação tanto no que respeita aos textos da teoria quanto aos produzidos por seus pacientes na clínica. O ponto fundamental da argumentação centra-se na distinção entre dizer e dito mobilizada por Lacan, em diferença com o modo como tal distinção é trabalhada em outros campos, como a Linguística. Para além de tomar o dizer como da ordem da enunciação, o dizer em jogo na psicanálise não se reduz a nenhum dito, embora deles dependa. Trata-se de um processo de inferência a partir da lógica do inconsciente.

Palavras-chave: dizer; dito; esquecimento.

Abstract: The paper aims to question related to the way of reading that psychoanalysts use in respect of both the theoretical texts and those produced by their patients in the clinical situation. The fundamental point of the discussion centers on the distinction between “dire” et “dit” put forward by Lacan, in a different way this distinction operates in other fields of study, like Linguistics. Beyond taking “dire” as related to the order of enunciation, in psychoanalysis it is not reduced to any “dit”, although depending on them. It concerns a question of inference from the unconscious logic.

Keywords: say; said; forgetfulness

1 Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1974), mestrado em *Child Development and Educational Psychology - University of London* (1978) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Atualmente é participante externa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora titular no departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas.

Lacan concebe seu texto não como um texto no qual nos fala, ou que seria objeto de conhecimento, mas sim como um texto *endereçado* a nós, leitores, para ter efeitos além do que se entende dele. O endereço é o lugar que recebe uma carta.

Porge, 2010

[...] não creiam que não haja aí um enigma para mim mesmo – e é bem disto que se trata.

Lacan, 1973

O presente texto tem como objetivo abordar o modo como lemos Lacan e Freud, como nos posicionamos enquanto psicanalistas frente ao texto tanto da teoria quanto de nossos pacientes. Mais ainda, estou propondo que o modo de ler, quando se trata de psicanálise, incide da mesma forma na teoria e no que escutamos na clínica. Em um de seus textos Lacan afirmou que ainda não se tinha tirado consequências no plano da teoria do fato de haver inconsciente, ou seja, do fato fundamental de que o pensamento, e mesmo o teórico, é inconsciente. Estaríamos hoje respondendo à altura desta tarefa? Adianto apenas que a prática de leitura define o que fazemos.

Mas o que entendo por prática? Quero propor que a prática se refere a um percurso que se configura como uma experiência. Mas o que é uma experiência? O mínimo que se pode dizer de uma experiência é que ela é da ordem do que não se imagina, uma aventura, portanto. Insisto no uso do termo ‘prática’ e aqui sigo a elaboração dos psicanalistas signatários do *Manifesto pela Psicanálise* (Porge, 2015, p. 15) justamente para opô-lo à técnica que implica uma relação estreita com a economia social, dado que o investimento próprio a toda técnica deve produzir um enriquecimento, um lucro. O investimento na psicanálise não visa a um ganho que se transforme em benefício capitalista, sua visada não sendo a mais-valia. O ganho que aí se dá é medido pelo que se fará para este sujeito com relação ao saber não sabido dele mesmo. Quero enfatizar que é justamente esta articulação a um saber não contabilizado/ não contabilizável que justifica o uso do termo prática. E isto vale tanto para a prática clínica quanto para a prática teórica. Mas, se não há ganho, há certamente, mudança de posição determinada pelo que se perde.

A regra principal desta prática é a não orientação dos pensamentos – o que justifica o afastamento da sugestão – e neste sentido, priva-se de toda aplicação como, por exemplo, o desaparecimento do sintoma. O investimento em um percurso de análise implica a confiança em um processo, cujo fim é atingido sem ser buscado – e à condição de abandonar toda ideia de fim. Não é à toa que foi batizada por Lacan como uma prática de *bavardage* (falação) e nisto implica sempre um risco. Os autores do *Manifesto* lembram-nos que, já em 1911, Freud indicava a Biswanger: “Na realidade nada há na estrutura do homem que o predisponha a

ocupar-se da psicanálise” (Porge, 2015, p. 18) testemunhando assim o risco em jogo nesta aventura.

O risco da aventura que caracteriza a prática de leitura como ‘experiência’ fundamenta-se no fato de ser uma experiência de linguagem. E não foi outra a proposta de Lacan ao fazer a sua entrada no campo freudiano. Conforme tão bem demonstrou Milán-Ramos em sua tese de doutoramento – que consistiu em inédita demonstração da potência do atravessamento do discurso universitário pela experiência de linguagem que a leitura de Lacan implica e convoca – o estilo de Lacan marcou-se por uma incessante tentativa de incluir o que fica do lado de fora:

[...] incluir a dimensão subjetiva, o inconsciente, o ato de enunciação, a dimensão êx-tima da palavra [...] que nunca pode ser plenamente dita pela palavra. Tal inclusão implicou em “estratégias textuais singulares”, incluindo o impasse da dedução e uma estrutura interna diferente do conceito e do processo de conceitualização. (Milán-Ramos, 2007, p. 20).

O autor ainda nos lembra que o empenho em incluir o sujeito instala um tempo de espera: um tempo de espera pelos efeitos da linguagem, pela experiência de linguagem que se sedimenta na leitura dos seminários e escritos de Lacan. Como então ler Lacan, senão a partir de uma experiência que implica o risco da perda? Lembro que o próprio Lacan definiu o campo freudiano como “um campo que, por sua natureza, se perde. É aqui que a presença do psicanalista é irredutível, como testemunha dessa perda” (Lacan, 1964/1988, p.122). É por esta razão que veio a afirmar que então a presença do psicanalista deve fazer parte do conceito de inconsciente. Se é assim, então o conceito que o analista tem do inconsciente define o que se atualiza na relação com o paciente.

No tempo em que inaugurou o que denominou “retorno a Freud” cujo sentido consistiu em retornar ao sentido de Freud (e aqui podemos nos perguntar sobre a diferença que se coloca entre significação e sentido), Jacques Lacan justificou a sua proposta por considerar que os ‘conceitos’ freudianos tinham sido transformados em ‘preceitos’ de uma prática. Em muitos momentos de seu ensino Lacan reconheceu as razões para que isto tenha se dado desta forma, ou seja, perguntou-se sobre o que teria feito com que os conceitos freudianos tivessem se transformado em regras para um fazer? O que teria sofrido recalque nesta transmissão?

Que os conceitos em psicanálise portem a marca de uma especificidade é a consequência de sua determinação pelo objeto que sempre escapa à investigação. Conforme apontado por Le Gaufey:

Freud sempre teve a necessidade de conservar um ponto que, *por estrutura*, escape à investigação e que desse modo ordene a consistência. A impossibilidade de captar diretamente esse ponto nos obriga a apreciar as deformações que foram necessárias para circunscrevê-lo. (Le Gaufey, 1993, pp. 75-76, grifo do autor).

O que se compreende disto senão que as deformações são intrinsecamente necessárias ao próprio funcionamento dos conceitos em psicanálise? O recalque de tais deformações necessárias rebaixou-os ao estatuto de normas para um fazer.

Tomemos um exemplo: o que vem a ser o sujeito referido à descoberta freudiana do inconsciente? Tomando o inconsciente como o discurso do Outro, como a soma dos efeitos da fala sobre o sujeito, definindo-o como sendo constituído pelo significante, Lacan nos conduz a tomar este sujeito não como o substrato vivo do fenômeno subjetivo, tampouco como o sujeito do conhecimento, nem qualquer tipo de substância, mas sim, como o sujeito cartesiano que aparece no momento em que a dúvida se reconhece como certeza. Se Descartes inventa o sujeito moderno, o sujeito da ciência, então, o sujeito freudiano, na medida em que a psicanálise é intrinsecamente moderna, não poderia ser outra coisa senão o sujeito da ciência.

Lembremos que a ciência moderna é condição para o advento da psicanálise. O que está sendo afirmado é que o nascimento da ciência moderna e o nascimento da psicanálise compartilham um parentesco discursivo que pode ser identificado justamente através da suposição de um sujeito sem qualidades. A subversão da questão do sujeito na psicanálise está, então, referida ao fato de que o sujeito revelado pela descoberta freudiana do inconsciente implica um sujeito sem subjetividade, um sujeito sem qualidades. Este sujeito é o que o *cogito* faz emergir, e por quê? Isso porque no momento em que o *cogito* é enunciado como certo, ele está disjunto de quaisquer qualidades, excluídas estas pela dúvida metódica. E o próprio pensamento que define o *cogito ergo sum* constitui-se como o mínimo comum de todo pensamento possível – afinal, é apenas por pensar e sem que disto possa duvidar que o filósofo afirma a sua existência. E isto porque qualquer pensamento, seja ele qual for, motiva a conclusão de que existo pelo simples fato de pensar. A este existente, a isso que ex-siste, Lacan deu o nome de sujeito. Ele é o correlato sem qualidades suposto em um pensamento sem qualidades. Importa, então, marcar que o pensamento sem qualidades é justamente necessário para fundar o inconsciente freudiano (lembremos que Lacan marca que o encaminhamento freudiano é cartesiano, pois retira a certeza lá onde no sonho o sujeito vem duvidar), uma vez que Freud demonstrou que há pensamento no sonho, que o pensamento em sua origem é inconsciente, e que, portanto, há pensamento sem ser sustentado por um Eu que cogita. ‘Isso’ pensa, ou seja, que haja inconsciente significa que há um saber sem sujeito, tomado aqui no sentido filosófico ou psicológico do termo.

Este pequeno exemplo mostra o funcionamento da conceitualização em psicanálise que não pode fazer a economia do que escapa, do que está fora, do indecível. Manter o uso do termo ‘sujeito’ para indicar algo que está na contramão do que o discurso estabelecido toma como sujeito é um ato que inscreve no coração da teorização a subversão mesma que Freud revelou.

Se nos voltamos agora para a pergunta que ficou suspensa: o que ficou recalcado na transmissão para que os conceitos freudianos fossem apreendidos como

preceitos de uma prática? É certo que a intenção de Freud de que a psicanálise fosse reconhecida no campo das ciências em muito contribuiu para o tratamento dado no estabelecimento dos textos e inclusive da tradução: inscrever a obra freudiana na matriz científica implicou a consequência de sua entrada no discurso universitário. De modo simples podemos dizer que se tratou de inscrever a obra freudiana no contexto de uma lógica dos ditos, dos enunciados, apagando a dimensão do dizer de Freud. Mas o que é o dizer?

O título deste trabalho marca justamente o dizer pela via do esquecimento – um esquecimento estrutural, inarredável, mas que nem por isto deve ou pode ser deixado fora da conta. Há que incluir/ contar o esquecimento do dizer para fazer operar o estatuto específico dos conceitos e afirmações teóricas em psicanálise, para circunscrever de que se trata e que está o tempo todo escapando à investigação. O que foi recalcado (Lacan refere-se como ‘foraclusão’ da formação do psicanalista nas sociedades da IPA) não incidiu sobre os ditos de Freud, mas sim, sobre o seu dizer. Melhor dizendo, recalcou-se/ ‘foraclusiu-se’ que há o dizer que não se deixa apreender pelos ditos, mas que os comanda.

Se por um lado a distinção entre o dizer e o dito opera em vários momentos do ensino de Lacan, é apenas na década de 70 (mais especificamente e de forma definitiva no texto *L'Étourdit*, de 1973) que vamos encontrar estes termos utilizados de forma a produzir importantes consequências teóricas e também um afastamento definitivo com relação às distinções que estes termos encontram em outras disciplinas, como é o caso da Linguística.

Como observa Erik Porge, no texto *Aronda dos semi-ditos claros* (publicado na Revista Literal 13, 2010), em alusão a uma frase que consta de *L'Étourdit*,

[...] o termo “dizer” introduzido ao mesmo tempo em que elaborou os quatro discursos, não é inteiramente sinônimo de “fala” ou de “enunciação”, ainda que possa recobrir essas acepções. Ele é portador de uma significação ‘suplementar’: a da carga de real que bordejia a verdade, notadamente pelo fato de que não se pode dizê-la toda (Porge, 2010, p. 144).

É nesse texto, contemporâneo das elaborações do seminário XX, que Lacan apresenta e analisa de forma mais acabada a frase: “Que se diga fica esquecido por trás do que diz naquilo que se ouve” (Lacan, 2003, p. 448).

Não tentarei refazer aqui a análise que Lacan realiza destas duas frases: “que se diga”, sendo a primeira, e “fica esquecido atrás do que se diz no que se ouve”, a segunda. O que me importa marcar é que vemos aqui uma frase incidindo sobre a outra de forma a mostrar/ desdobrar um movimento em que, o que a primeira diz também se aplica a ela. Por quê? Isto acontece, porque “que se diga” se refere ao dizer, mas não é o dizer que ex-siste. “Que se diga” é um dito.

Esta frase inaugura o texto e põe em cena o dizer e o dito. Apenas proferida, torna-se um dito e convoca um dizer. Relação de assimetria entre dizer e dito, pois se o dito não vai sem o dizer, este por sua vez escapa ao dito. No texto de Porge recém- citado, uma questão importante é colocada, e nos interessa de perto no que respeita às relações entre dizer, dito, verdade e real. Diz ele: “Existe um ponto de vista específico da psicanálise sobre a verdade, que seja irreduzível à filosofia, à ciência, às artes, à política?” (Porge, 2010, p. 123). Ao tecer a resposta a esta questão que constitui o artigo, o autor dá não só lugar relevante aos aforismos de Lacan sobre a verdade, mas também aos quatro discursos em sua relação com o par ‘dizer/ dito’, de cuja relação advém a verdade como semi-dito; na medida em que o dizer escapa ao dito só é possível semi-dizer a verdade. O real se coloca como limite da verdade.

É preciso indicar que, a partir de 1957, Lacan inicia uma operação de limpeza de terreno no campo da teoria ao anunciar que primeiro “não há metalinguagem”, depois, que “não há universo de discurso” e finalmente, que “não há relação sexual”. As afirmações quanto a não haver metalinguagem e tampouco universo de discurso realizam a limpeza do terreno dos alicerces em que se assenta a possibilidade de fazer teoria, de fazer do conhecimento um sistema, uma arquitetura que se sustenta sobre seus próprios enunciados ou ditos. Conforme indicado por Claudia Lemos (2019) esta limpeza do terreno não é feita para acabar com a filosofia ou com as ciências humanas, mas para abrir lugar para a psicanálise ou para o modo da psicanálise existir face à filosofia, face às ciências humanas.

No texto *L'Étourdit*, encontramos uma elaboração que visa “desestabilizar, subverter, até mesmo demolir pelo menos parte da base da chamada metafísica ocidental, isto é, o sujeito colocado diante de seu objeto, o sujeito de posse desse objeto ou capaz de construí-lo, o sujeito em equivalência com a consciência, o sujeito e o objeto que são postos em relação, como quando se coloca em relação o homem e a mulher, o dentro e o fora, todos esses pares, tudo o que há – a partir do NÃO HÁ” (Lemos, 2019, p165). Tudo parte do ‘Não Há’.

Conforme sublinha Fierens (2002, p. 71), tudo parte do ‘Não Há’, mas não apenas de um “não há consistência” (próprio da contradição), também não de um “não há completude” (próprio da incompletude), nem tampouco de um “não há demonstração” (próprio do indemonstrável). O indecível “não há” não se reduz a nenhuma lógica determinada. Consequentemente, não é negável. O que não é negável? Tudo que não pode ser colocado sob a forma de enunciado: trata-se da ausência sempre esquecida e sempre subjacente a todo dito: o dizer. Não se pode negar o dizer.

Muitos comentários têm sido propostos a respeito do título do texto de Lacan – *L'Étourdit* –, uma vez que não corresponde a nenhuma forma usual na língua francesa; trata-se de um neologismo, construído pela inclusão de uma letra que se

escreve, mas não se pronuncia, demonstrando que é pela escrita que se decide do que se trata. De *étourdi* à *étourdit* vemos se introduzir o atordoamento do dito pelo dizer. Além disto, na palavra *étourdit* ressoam as voltas do dito, o que nos convoca a pensar a relação assimétrica entre dizer e dito pela ronda dos discursos. Lacan afirma: “assim é que o dito não vai sem o dizer. Mas se o dito sempre se coloca como verdade, nem que seja nunca ultrapassando um meio-dito [...] o dizer só se emparelha com ele por lhe ex-sistir, isto é, por não ser da dimensão da verdade” (Lacan, 1973/ 2003, p. 451).

O dizer, então, não é da dimensão da verdade, e sim, do real, uma vez que é impossível que seja apreendido em um dito; apenas a um dito se pode atribuir ou não o valor de verdade. Ou seja, um dizer não pode ser negável. Mas o que quero deixar marcado é que a ronda dos discursos é fundamental para fazer ‘aparecer’ o que é o dizer. O dizer é da ordem da demonstração, ele se demonstra por escapar ao dito. Este privilégio de escapar ao dito se assegura por um “dizer que não” que se desenvolve sob diferentes modos. O importante é que a demonstração do dizer se situa ao pé do muro do impossível. Ela não fica na constatação do inconsistente, ela não permanece no refutável. Para demonstrar o dizer, é preciso passar à constatação da incompletude dos ditos, depois tomar a medida da indemonstrabilidade dos ditos para terminar pela indecidibilidade do dizer. Como diz Fierens, o dizer não chega, portanto, a um dito, mas toma a medida de sua própria impotência a cada etapa de seu percurso, e passa seu caminho margeando o muro do impossível. O dizer escapa a todo discurso fixo, ele não se encontra senão na demonstração, na balança de um discurso a outro. Este dizer, que é “dizer que não” vai ao sentido para invertê-lo em benefício do ab-sens e de uma série de básculas de discurso.

Como podemos caracterizar o inconsistente, o incompleto, o indemonstrável e o indecidível em psicanálise? Fierens (2002, p. 61) ajuda-nos nesta tarefa. Um sistema de proposições é inconsistente (ou contraditório), se ele permite dizer A e não A, ao mesmo tempo. O inconsciente tolera perfeitamente os ditos contraditórios e a psicanálise constata a inconsistência inerente ao sintoma, na medida em que ele é ‘compromisso’ entre um desejo e seu contrário. Não se pode eliminar a contradição inerente ao sintoma e ao inconsciente. Frente a isso se impõe, ao contrário, a ‘suspensão do julgamento’ ou a parada do ‘dizer’, antes de qualquer completude dos ditos: Por exemplo, os ditos relativos à primeira infância são sempre incompletos para explicar o sintoma. Interrogando em seguida o ‘dizer’ confrontado com a inconsistência e com a incompletude dos ditos pode, então, parecer que estes postulados são não apenas incompletos, mas também indemonstráveis. O ‘dizer’ é impotente para demonstrar ou para encontrar por construção os ditos faltantes. Este caráter indemonstrável deve, entretanto, ser demonstrado no curso da cura. Não se trata apenas de constatar empiricamente as lacunas na anamnese e as contradições sintomáticas, é preciso

ainda demonstrar como essas impossibilidades são constitutivas da história do analisante, e que os ditos faltantes são indemonstráveis.

Não se trata simplesmente de constatar os limites, é preciso ‘fazer’ os limites. Mas a que se refere este fazer? Trata-se de tornar “sensível o dizer” e para isto é preciso primeiro não confundi-lo com o dito, não ocupá-lo pelo dito, ou ainda não praticar o incesto do dizer e do dito. Por que incesto do dizer e do dito? Lacan metaforiza a relação da verdade com o real pela via do incesto; o mesmo que falar de incesto do dizer e do dito. Mas o que isto significa? Afirmar que o incesto metaforiza a relação da verdade e o real significa dizer que é uma relação impossível, o lugar mesmo da não relação. Fierens assinala que o incesto, em sua raiz, é a coalescência impossível do dizer e do dito, muito mais do que suas apresentações imaginárias.

Retomar o incesto como metáfora da relação entre a verdade e o real na esteira do par ‘dizer/ dito’ é retomar à letra a leitura lacaniana do mito freudiano (não esqueçamos que Lacan afirmou que o Édipo é o sonho de Freud que, como todo sonho, exige decifração, a qual ele não se exime de executar). Falar de incesto faz ressoar o Édipo.

Fierens (2012, p. 31) afirma que o incesto, referido à impossível coalescência entre o dizer e o dito, já comparece desde o oráculo de Delfos consultado por Laio, em um tempo anterior ao da cena da tragédia. Sófocles introduziu modificações no mito de Édipo: em lugar de um só oráculo, como consta na peça *Sete contra Tebas*, de Ésquilo, ele apresenta o oráculo em três momentos diferentes: em um passado remoto, relatado por Jocasta, quando Laio vai consultá-lo: Laio encontraria a morte nas mãos de Édipo; em um passado mais recente, o que prevê o parricídio e o incesto, na consulta de Édipo a Delfos; no tempo presente da ação dramática, quando Creonte vai consultar o oráculo e através do qual se esclarece o motivo da peste tebana. Fierens afirma que o oráculo foi tomado como um dito: Laio acreditou poder converter o dizer implicado no oráculo em um dito que serviu para programar a separação de seu filho assassino. Do mesmo modo, é a transformação do dizer da Esfinge em um dito “satisfatório” enunciado por Édipo, ou seja, o incesto do dizer e do dito, o que o leva ao leito de Jocasta. A enunciação do oráculo e a enunciação da Esfinge colocam em cena um dizer que é imediatamente apagado. O dizer do oráculo e o da Esfinge ficam subsumidos, apagados, esquecidos e reduzidos a um dito previsor, apagando o enigma. Reduzido a um dito previsor, o dizer volta-se a fechar sobre as fórmulas para burlar a previsão e enclausurar o enigma.

O dizer vem de onde o real comanda a verdade. Assim, a questão do dizer não vem, senão a partir do ponto onde é ele que comanda a verdade. Dito de outro modo, ele não se deixa capturar em verdade, pela verdade, jamais.

Para concluir, volto ao dizer de Freud, esquecido, recalcado, ‘foracluso’. Lacan afirma, no texto *L’Étourdit*, que “o dizer de Freud infere-se da lógica que toma como fonte o dito do inconsciente”. Dito do inconsciente, isto é, formação do inconsciente. Que lógica é esta? De que inferência se trata?

Referências Bibliográficas

- FIERENS, C. 2002. *Lecture de L'Étourdit – Lacan 1972*. Paris: L'Harmattan.
- _____. 2012. *Le discours psychanalytique – une deuxième lecture de l'étourdit de Lacan*. Toulouse: Éditions érès.
- LACAN, J. 1988. *O seminário livro 11 – os quatro com conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- _____. 2003. L'Étourdit. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. 1973. *Seminário Les non-dupes errent*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S21/S21%20NON-DUPES....pdf>. Acesso em: 26 de jul. 2019.
- LE GAUFEY, G. 1995. *La evicción del origen*. Buenos Aires: Edelp.
- LEMOS, C. T. G. 2019. Apresentação oral no *Seminário Entre: a psicanálise diante das ciências humanas*.
- MILÁN-RAMOS, J. G. 2007. *Passar pelo escrito*. Campinas: Mercado de Letras.
- PORGE, E. et al. 2015. *Manifesto pela Psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PORGE, E. 2010. A ronda dos semi-ditos claros. In: *Literal 13 – A psicanálise e outros saberes*. Campinas.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.